

Faculdade Ciências da Vida - FCV

MACABÉA, EM “A HORA DA ESTRELA”: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO SOBRE A (NÃO)EXISTÊNCIA DA PERSONAGEM DE CLARICE LISPECTOR

Autora: Cíntia Ribeiro Goulart*

Profa. Orientadora: Flávia Barbosa**

RESUMO

As tarefas da cotidianidade e as relações desenvolvidas pelo sujeito moderno acabam por distanciá-lo de si mesmo de forma gradativa e silenciosa, e remetem-no a uma vida irrefletida e sem sentido. A história de vida, a cultura e o contexto, dentre outros fatores, podem tornar o sujeito ainda mais suscetível às distrações de uma vida impessoal. Dada a relevância da obra literária como instrumento de estudo voltado ao ser humano, tomou-se como objeto de estudo a jovem Macabéa, personagem da obra “A Hora da Estrela” (1977), de Clarice Lispector. Este estudo buscou compreender, através da trajetória de Macabéa, como a história de vida e a cotidianidade interferem na existência do sujeito e na sua percepção sobre as próprias possibilidades enquanto ser-no-mundo. Os objetivos deste estudo incluem o discorrimento sobre a existência humana na cotidianidade da vida moderna; a análise da forma como Macabéa se posiciona como ser no mundo e a verificação da relação entre seu modo de existir, sua história de vida e a cotidianidade. Pretendeu-se buscar, na fenomenologia de Heidegger, o aporte que direcionasse os estudos sobre o modo de existir da personagem, e que proporcionasse respostas acerca de seu modo inautêntico de viver. Realizou-se, para tanto, um estudo de caso da obra mencionada, sendo caracterizado como pesquisa qualitativa, de natureza descritiva, realizada a partir do método indutivo. Os resultados apontam para a hipótese de que Macabéa seja uma representação fiel do modo de ser de inúmeras pessoas na modernidade e, portanto, possa promover reflexões acerca do sentido da vida.

Palavras-chave: Existência. Dasein. Heidegger. Macabéa. Impessoalidade.

ABSTRACT

The everyday life tasks and the modern subject's relations distancing him gradually and silently and lead him to a wild and meaningless life. Life history, culture and context, among other factors, can make the subject even more susceptible to the distractions of impersonal life. Given the relevance of the literary work as a study instrument aimed at the human being, the young Macabéa, the character of the work A Hora da Estrela (1977), by Clarice Lispector, was taken as an object of study. This study sought to understand, through Macabéa's trajectory, how life history and daily life interfere with the subject's existence and his perception of his possibilities as a being-in-the-world. This study's objectives include the discourse on human existence in modern life's daily life, the analysis of the way Macabéa positions himself as a being in the world and the verification of the relationship between his way of existing, his history and daily life. The intention was to seek in Heidegger's phenomenology, the contribution that would direct the studies on the character's way of existence, and that would provide answers about his inauthentic way of life. Therefore, a case study of the mentioned work was carried out, characterized as qualitative research, of a descriptive nature, carried out from the inductive method. The results point to the hypothesis that Macabéa is a faithful representation of countless people in modern times and, therefore, can promote reflections about the meaning of life.

Keywords: Existence. Dasein. Heidegger. Macabéa. Impersonality.

1 INTRODUÇÃO

* Acadêmica do curso de Psicologia da Faculdade Ciências da Vida (FCV). E-mail: cintiargoulart@gmail.com

**Psicóloga, I Docente do curso de Psicologia da Faculdade Ciências da Vida (FCV), Mestre em Administração Pública (Fundação João Pinheiro). E-mail: flacaba@gmail.com

O homem moderno vive um postergar constante da apropriação de sua existência, em nome dos compromissos da cotidianidade, que o movem em direção ao ter, ao fazer; ocultam o sentido dessa existência e podam suas possibilidades diante da vida. A busca por preencher o vazio existencial se resume à criação e obtenção de novas tecnologias, de novos afazeres e da produtividade, levando o homem ao esquecimento de questionar-se sobre a própria vida. O ser humano – ou *Dasein*, termo criado por Martin Heidegger (1889-1976) – é reduzido a um modo de ser padrão, que o conduz a uma vida pautada no impessoal e no modo inautêntico de viver. Diante da angústia, ele cria ainda subterfúgios, na ilusão de que a finitude seja algo distante, e acaba por dar a si mesmo uma sentença de morte em vida (SEIBT, 2018; BRAGA; FARINHA, 2017).

A obra literária tem grande relevância quando se trata de estudos voltados ao ser humano, pois carrega situações cotidianas e proporciona informações importantes sobre o mundo, sobre os seres e seus sentimentos e o modo como se relacionam. Na perspectiva heideggeriana, a linguagem serve de instrumento ao escritor para ilustrar a existência do ser, pois é um recorte das experiências adquiridas pelo ser-no-mundo. O leitor reconhece como familiar esse mundo até então ficcional, mas que representa, de forma fidedigna, o mundo real em que fora lançado. Acredita-se que a obra “A Hora da Estrela” (1977), de autoria de Clarice Lispector, através de sua personagem Macabéa, seja uma valiosa fonte à Psicologia, servindo como um rico estudo de caso, capaz de dizer do ser humano e de sua relação com o mundo e a própria existência (GAI; BATISTA, 2018; GIL, 2008; SANTOS, 2007).

Macabéa é a representação legítima da (não)existência, condição experimentada pelo ser humano na modernidade e representa uma vida difícil, sofrida e comum a muitas pessoas. Em entrevista dada ao programa Panorama, em 1977, a autora se refere à obra como sendo “a história de uma inocência pisada e uma miséria anônima” (LISPECTOR, 1977). É possível reconhecer em Macabéa uma existência vazia, sem sentido, e de uma angústia inconsciente, cujo alívio (ilusório e momentâneo) é por ela encontrado em aspirinas. O narrador descreve a personagem como alguém que “vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem melhor; apenas vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando” (LISPECTOR, 1977, p.24) configurando uma pessoa alienada à própria existência e ao mundo.

O presente trabalho justifica-se pela necessidade de compreender o sujeito a partir do seu modo de ser-no-mundo, e assim ampliar e revisar discussões psicológicas sobre a saúde, que até então se baseiam nos dualismos mecanicistas tradicionais. Para tanto, é essencial questionar-se a respeito da existência humana e despertar para uma vida autêntica, de sentido e de possibilidades, e assim tomar consciência da finitude como possibilidade mais própria do ser.

Justifica-se, ainda, por sua originalidade e por buscar incentivar o uso da literatura brasileira como fonte inesgotável de contribuições à área acadêmica e pesquisas da área da Psicologia – em especial na abordagem fenomenológica existencial. Pois é um caminho ainda pouco explorado na comunidade científica, que leva a questionamentos e reflexões sobre a existência humana e o efeito entorpecente da era tecnicista, bem como seus efeitos sobre a saúde, e assim amplia suas contribuições também ao contexto social (SEIBT, 2018; SIMAN; RAUCH, 2017; ROEHE; DUTRA, 2014).

Como hipótese, tem-se que a história de Macabéa – acostumada ao sofrimento e que nunca vira a vida senão como sinônimo de castigo, submissão e anulação de si – seja uma reprodução do modo de existir de tantas pessoas na modernidade e que possa, portanto, atender aos objetivos desta pesquisa. Desse modo, a questão-problema que se coloca é: de que maneira a cotidianidade e a história de vida interferem no modo de existir do ser humano e em sua percepção sobre suas possibilidades enquanto ser-no-mundo? A pesquisa tem como objetivo geral compreender, através da personagem Macabéa, de “A Hora da Estrela”, como a história de vida e a cotidianidade interferem na existência do sujeito e sua percepção sobre as próprias possibilidades enquanto ser-no-mundo. Como objetivos específicos, propõe-se: discorrer sobre a existência humana na cotidianidade da vida moderna; analisar de que maneira Macabéa se posiciona como ser-no-mundo e verificar a relação entre seu modo de existir, sua história de vida e a cotidianidade (FEIJOO, 2013).

Amparada pela abordagem teórica fenomenológico-existencial, esta pesquisa foi realizada por meio de um estudo de caso, tendo como objeto uma pessoa da ficção (personagem Macabéa). Foram feitos recortes de algumas passagens do livro, considerando a relevância e a coerência diante dos objetivos da pesquisa, sendo referenciados e analisados a partir da análise fenomenológica. De acordo com o levantamento bibliográfico realizado e a análise da obra, nota-se que as distrações cotidianas, associadas à história de vida do sujeito, culminam num modo de existir automatizado e irrefletido, de forma que sua autonomia e livre arbítrio são sobrepujados pelas determinações da modernidade (FEIJOO, 2013). Esta é uma pesquisa que se classifica como qualitativa, de natureza descritiva, realizada a partir do método indutivo (GIL, 2008; MARTINS; BICUDO 1989).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A existência e o sentido do ser

Na perspectiva fenomenológico-existencial, a existência do homem é descrita como a condição de ser-no-mundo, ou seja, o homem é lançado no mundo e, a partir de suas experiências, constitui sua identidade, sua essência. O termo existência possui aplicação restrita ao homem, por considerar que se trata de um modo próprio, que o diferencia dos demais entes – termo heideggeriano que se refere a coisas e animais. Logo, ao homem é dado o privilégio de existir; enquanto que os animais, as árvores, as pedras, somente são, como um produto acabado.

Nesse sentido, compreende-se o pensamento sartreano de que a existência precede a essência, uma vez que esta só se dá através do existir, que consiste num processo contínuo de construção do ser; das experiências vividas pelo homem e das relações que ele estabelece com o mundo, com o outro e com ele mesmo. Heidegger, por sua vez, aponta a ‘essência’ da existência como “ter-de-ser”, que é respondido sendo, existindo; portanto, essa ‘essência’ não precede nem sucede a existência. O sentido da existência sempre causou inquietude e, embora a filosofia tradicional tenha dado importantes contribuições acerca do assunto, o tecnicismo reduziu o valor do homem no mundo ao ignorar a vida (TOKUO; DUTRA; REBOUÇAS, 2019; SIMAN; RAUCH, 2017; EVANGELISTA, 2016; JÚNIOR; COSTA, 2016; JESUS, 2016; JUNIOR; ARDANS-BONIFACINO; ROSO, 2016; HEIDEGGER, 2015).

O filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976) deu uma nova ótica à filosofia do século XX, ao fazer uma crítica à tradicional filosofia ocidental, na qual o ser é visto como simples dado, uma coisa ou ente. Nessa orientação metafísica, o ser é coisificado, dado como algo meramente substancial e, com isso, é atribuído a ele um caráter imutável e determinado, ou seja, acabado. A tradição ocidental limitou a visão do homem ao que Heidegger chamou de entes, ou coisas constatadas, determinadas e previsíveis, em uma era regida pelo método, pelo cálculo e pela técnica. O filósofo propõe a desconstrução dos conceitos da orientação metafísica na busca do verdadeiro sentido do ser, que com o tempo se fundiu com os entes (coisas) – consequência de uma existência mergulhada no cotidiano da vida moderna (rasa e superficial), voltada à técnica e ao consumo (SEIBT, 2018; BRAGA; FARINHA, 2017; KIRCHNER, 2016; JÚNIOR; COSTA, 2016; CARDINALLI, 2015; HEIDEGGER, 2015).

Nota-se, na filosofia tradicional ocidental, um paradoxo, pois, à medida que a metafísica avançava na busca do sentido do ser, mais ela se distanciava, ou ainda, mais perto se via do esquecimento deste mesmo sentido. Em um contexto cada vez mais voltado à técnica, restava saber se ainda havia alguma validade no questionamento do ser, cujo sentido originário é substituído por um provisório e etéreo, pautado no consumo e na entificação (coisificação) do ser. Insatisfeito diante desse contexto, Heidegger rompe com a filosofia tradicional e retoma a busca pelo verdadeiro sentido do ser, por meio da separação e diferenciação dos conceitos de

ser e ente. Na distinção feita pelo filósofo, os entes são dados como seres imutáveis, definidos, como os animais, as árvores, as pedras, os objetos, enfim, coisas. Já para se referir ao ser humano, Heidegger criou o termo *Dasein* (FERREIRA; JÚNIOR, 2019; BRUM; BOECHAT, 2016).

2.2 DASEIN: DOS MODOS DE SER, AO PODER-SER

Como esclarecem Braga e Farinha (2017), na nova terminologia de Heidegger, *Dasein* significa o ser-aí, e é a junção de dois termos: Da(aí) e sein(ser). O termo foi criado para denominar o ente que se diferencia dos demais pela capacidade própria de existir, questionar e realizar suas possibilidades. O humano é o único entre os entes capaz de questionar-se – haja vista sua condição de indeterminação, além disso, sua compreensão enquanto ser ocorre a partir dele próprio, em meio às possibilidades e experiências que permeiam sua cotidianidade. O *Dasein* constitui ação, movimento de ser sendo, e, portanto, vai sendo determinado a partir da realização de suas possibilidades. É um constante vir-a-ser, pois se coloca aberto às suas potencialidades. O *Dasein* caracteriza-se no processo de compreensão e projeção do ser, um movimento constante de expansão e retração, construção e desconstrução desse ser e, portanto, não há como se caracterizar fora da existência. Destaca-se, ainda, por sua incompletude, um ainda-não, um poder-ser do sujeito, cuja essência está na própria manifestação do existir. No caso de Macabéa, objeto deste estudo, o que se percebe é um movimento oposto a esta argumentação: ela é conformada, submissa e nula de si. Pensa que a vida é do jeito que tem que ser e vive na ilusão de ser feliz, o que ela mesma, sequer sabe o que significa. (BRAGA; FARINHA, 2017; LISPECTOR, 1977).

O *Dasein* (ou o ser-aí) é o ser-no-mundo, portanto, indissociável dos demais entes (coisas e pessoas), o que implica, além do ser-no-mundo, também o ser-com-o-outro. Logo, cabe a ele manifestar-se apenas dentro do mundo, uma vez que é onde ele está e produz sua relação com coisas e pessoas. Em outras palavras, não se pode pensar o *Dasein* sem o mundo ou fora dele (ALMEIDA, 2019; SANTOS, 2018; KREIBICH, 2017; SOUZA, 2017; DUARTE, 2016; FERNANDES, 2015; ROEHE; DUTRA, 2014).

A importância de se compreender que o ser-aí não está sozinho no mundo está na possibilidade de partilhar com os outros entes (as coisas e outros *Dasein*) não só o espaço e o mundo que o rodeiam, mas também o sentido de suas vivências e a ampliação de suas possibilidades através da interação do ser-com-os-outros. O outro sempre é percebido, pois estando no mundo, ele inevitavelmente produz algo, ele o realiza para alguém; quando utiliza

um objeto, somente faz porque alguém o produziu. Isso quer dizer que os objetos no mundo sempre remetem ao outro. O *Dasein* interage a todo instante com os outros entes, porém o modo de se relacionar com os outros *Dasein* não é o mesmo que estabelece com as coisas. Ao se relacionar com outro ser humano, ele é convocado a interagir, abrir-se, a fim de possibilitar um encontro. Já diante dos objetos, simplesmente faz uso daquilo que está a ele e por ele, disponível na cotidianidade (SEIBT, 2018; LISBOA, 2016; ROEHE; DUTRA, 2014; SEIBT, 2010).

2.3 Da impessoalidade e inautenticidade, à angústia e finitude: as armadilhas e caminhos que perpassam o ser-no-mundo

O *Dasein* (ser-aí) não está só no mundo e a necessidade de sua existência ser compartilhada torna-o um ser-com, que estabelece relação de coexistência com os demais *Dasein*. Considerar o ser-com uma característica inerente à existência é, portanto, reconhecer que ele está inserido na estrutura do ser-no-mundo. Essa condição leva-o a se entregar aos afazeres e realizações da cotidianidade, aos acontecimentos e às obrigações que nascem das relações com os outros entes nesse mundo. Ao sentir-se familiarizado com esse mundo, o *Dasein* pode se ver perdido na impessoalidade do “a gente” (*Das Man*), o que caracteriza a finitude e a historicidade do modo no qual se dá a abertura do ser. O *Dasein*, então, ao fazer uma leitura de si mesmo, usa como referência o mundo da impessoalidade, e se mantém preso aos costumes que adquire. Essa tradição encobre suas possibilidades, limita seu poder de escolher e questionar, que o leva à sua própria compreensão. Ao observar esses conceitos pelo viés da personagem analisada neste estudo, nota-se que Macabéa manifesta sua impessoalidade de várias formas: não pensava na vida, tomava como verdade única e inquestionável tudo o que lhe diziam; a castidade era um valor que herdara da tia sem nunca entender direito sua importância e dava mais valor ao se apresentar como datilógrafa, do que pelo próprio nome. (ALMEIDA; TOLFO, 2019; MASSAROLLO, 2019; SEIBT, 2018; ERICKSEN, 2017; ROSSETTI; BERNARDI, 2015; LISPECTOR, 1977).

Em meio à cotidianidade, na sua constituição como ser-no-mundo, o ser humano tem a tendência de perder-se de si mesmo, pois busca no aspecto impessoal meios de se isentar da angústia diante da finitude – o que pode fazê-lo se acomodar. Entre as possíveis formas de se relacionar do *Dasein*, está a relação de submissão, em que há um afastamento do ser de si mesmo: o ser torna-se ser-lá. Ele se anula, deixa de ser-si-mesmo para tornar-se impessoal (agente), anônimo e, conseqüentemente, o ser-inautêntico. Na perspectiva heideggeriana, a cotidianidade coloca o homem submerso em um mar de significações sedimentadas de forma

hermenêutica, sem que ele se dê conta da forma como realiza (ou não) suas possibilidades. A recusa do ser à sua singularidade, em nome de uma afirmação do que é do outro, leva à anulação de si e de suas potencialidades, o que caracteriza uma sentença de morte em vida, dada ao ser por ele mesmo: a morte existencial. Em Macabéa, isso é percebido em várias situações e, numa delas, em particular, ela deixa claro o olhar vazio que tem sobre si mesma, ao afirmar que nunca se achou muito gente. (BRAGA; FARINHA, 2017; LISBOA, 2016; ROSSETTI; BERNARDI; 2015; LISPECTOR, 1977).

Tais condições, entretanto, não são determinantes para o ser – este que tem por característica ser indeterminado, inacabado. Ao tomar consciência do aprisionamento que as significações proporcionam, o ser pode se libertar desses significados e abrir-se novamente ao poder de questionar e de criar sentido. Ele se apropria de sua existência e retoma o processo de construção contínua em meio às suas potencialidades, assumindo a autenticidade. Ser-autêntico implica, portanto, um ser-aí que se abre às possibilidades da existência. A condição de ser-autêntico leva o ser-com a uma maior compreensão do outro, uma vez que, ao questionar-se sobre si mesmo, o *Dasein* reconhece a possibilidade de questionar também o sentido do outro. As vivências e o sentido que estas trazem ao homem na cotidianidade, permeadas por uma angústia muitas vezes tímida, discreta, provocam esse despertar do ser para si. Mesmo mergulhada na impessoalidade, Macabéa também teve lapsos de autenticidade, como quando por vontade própria, se afastou da igreja, o que certamente seria contrário à vontade de sua tia. (BRAGA; FARINHA, 2017; SIMAN; RAUCH, 2017; LISBOA, 2016; LISPECTOR, 1977).

Uma vez lançado no mundo, o *Dasein* detém o poder de fazer suas escolhas – e/ou abster-se delas, o que também é uma escolha. Mas, ao exercer sua liberdade de escolha, que constitui o vir-a-ser, o *Dasein*, inevitavelmente, deixa algo (aquilo que não escolheu) para trás, e vê-se então sujeito às consequências dessas escolhas. Tal condição pode causar-lhe angústia, advinda de sentimentos de indecisão e insegurança, pois todas as suas escolhas são incertas, sem garantia. Como meio de fuga a essa angústia, o *Dasein*, fazendo valer sua posição de ser-no-mundo, pode buscar subterfúgios para eximir-se dessas responsabilidades, utilizando-se de crenças, tradições e valores familiares, ocupações, compromissos sociais e profissionais, a fim de desviar o olhar de sua consciência reflexiva sobre sua existência (BRUM; BOECHAT, 2016; FILHO, 2016; SIMÃO; PEREIRA, 2016).

Não se posicionar diante das demandas da existência também é uma escolha à qual o *Dasein* tem direito. Porém, vida e *Dasein* estão sujeitos ao tempo, este que passa sem piedade e, por vezes, vem lembrar ao homem a finitude de sua existência. O *Dasein* é um ser-aí; um ser-no-mundo, um ser-com-o-outro, e é também um ser-para-a-morte. Ele é um constante vir-a-ser;

projeta-se naquilo que ainda não é, o que faz do homem um ser inacabado e, o ser-para-a-morte, traz à consciência seu caráter de finitude, revelando sua última e mais própria possibilidade: a morte. Diante da angústia provocada pela consciência da terminalidade, o *Dasein* busca refúgio nas tarefas da caótica vida moderna, desviando sua atenção sobre a ideia da própria morte, como se assim pudesse evitá-la. Se for tomado pela consciência irreflexiva, o *Dasein* pode nunca ver a morte de modo pessoal, e sempre postergar seus projetos, por não se apropriar de sua existência (SIMAN; RAUCH, 2017; BRUM; BOECHAT, 2016).

Mesmo não se lembrando da morte, o homem pode ser surpreendido por ela a qualquer instante, visto que é a possibilidade mais própria do ser. Ao ser acometido pela angústia, ele pode escolher entre questionar e realizar seu projeto existencial, ou manter-se na zona de conforto da impessoalidade, alienado e indiferente à própria existência. A angústia pode servir de mola propulsora e, ao se apropriar dela, o *Dasein* tem a oportunidade de retomar as rédeas de sua vida, libertando-se da inautenticidade, e trilhar os caminhos da autenticidade. Reconhecendo-se responsável por seu existir, o *Dasein* tem a oportunidade de apropriar-se de si mesmo, de forma a potencializar seu ser-no-mundo. Macabéa optou por viver na segurança da inércia, até ser tomada pela angústia ao perder o namorado e, pela primeira vez, começou a se questionar. (ALVARES, 2019; SILVA, 2019; BRITO; ARAÚJO, 2018; GUIMARÃES; DIAS, 2017; LISPECTOR, 1977).

3 METODOLOGIA

Tendo em vista que essa pesquisa se propõe a conhecer e interpretar a realidade e a existência de uma personagem da ficção (Macabéa), por meio da observação e descrição de suas características, comportamentos, relações e fenômenos apresentados em sua história, caracteriza-se como um estudo de natureza descritiva. Uma vez fundamentada no estudo aprofundado da existência da personagem, sua história de vida e contexto social, a fim de se obter um amplo e detalhado conhecimento acerca do seu modo de ser-no-mundo, a pesquisa caracteriza-se, ainda, como qualitativa, do tipo estudo de caso. (GIL, 2008).

Ao partir da análise e compreensão do modo de existir de Macabéa, como base e referência para se pensar sobre a existência na modernidade, esse estudo revela, em seu caráter, o método indutivo. Com vistas a responder ao problema e aos objetivos propostos, a investigação partiu de uma revisão bibliográfica para elaboração do referencial teórico, através de buscas de artigos na plataforma SCIELO pelos termos “existência e fenomenologia”, “Heidegger e *Dasein*” e “psicologia fenomenológica”. Os dados coletados foram analisados por

meio da análise fenomenológica, uma vez que, como toda obra literária, “A Hora da Estrela” (1977) é um meio de comunicação de massa que utiliza a linguagem como forma de transmitir mensagens, despertando sentimentos e sentido. O método de pesquisa fenomenológico busca descrever e interpretar os fenômenos – sejam esses identificados em entrevista ou observação –, que se dão na relação sujeito-objeto, em que é considerada a experiência desse sujeito e a consciência que ele tem sobre sua realidade, a fim de identificar e compreender sua essência. Foram selecionados e extraídos do livro, trechos que expressassem com relevância sobre o fenômeno investigado, e realizada a análise dos dados através de uma leitura atenta e minuciosa das descrições obtidas, que foram divididas de acordo com o significado para uma melhor compreensão. (BASTOS, 2017; GIL, 2008; MARTINS; BICUDO 1989).

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 “Maca, o quê?” – Macabéa, protagonista de “A Hora da Estrela” (Lispector, 1977)

“A Hora da Estrela” (1977) é uma obra literária, de Clarice Lispector, que narra a história de uma jovem nordestina, de 19 anos, de nome Macabéa, que se muda para o Rio de Janeiro após a morte de sua tia, por quem fora criada desde os dois anos após a morte de seus pais. Imbuída em tradições supostamente herdadas pela cultura e educação que recebera, a tia de Macabéa – beata ferrenha – a educara de modo que ela não se tornasse uma “vagabunda de rua”. Macabéa nascera no sertão de Alagoas, onde a miséria fazia morada. Permaneceu sem registro do nome até um ano de idade – promessa de seus pais, na esperança de que ela “vingasse”. Teve uma infância tolhida, roubada pelos afazeres domésticos aos quais sua tia lhe obrigava e nunca pôde brincar na rua com as outras crianças. No lugar de boneca, bola e outros brinquedos, o que ela tinha era a vassoura e os cascudos que recebia da tia.

Ao se mudar para o Rio de Janeiro, consegue um emprego como datilógrafa e vai morar em uma pensão, onde divide o quarto com outras quatro moças que trabalhavam como balconistas. Sua vida era marcada pela rotina, falta de cor e de sentido. Suas refeições diárias eram as mesmas: cachorro quente e Coca-Cola. Quando dava, alimentava-se das sobras de suas colegas de quarto e tomava café frio – só não mais frio que sua existência. Estacionada na impessoalidade, Macabéa muitas vezes repetia o comportamento de outras pessoas. Certo dia, imitando sua colega Glória, que por vezes dizia ter que ir ao dentista para sair mais cedo e encontrar o namorado, Macabéa inventou uma dor de dente para faltar do trabalho e ficar sozinha no quarto na pensão – teria ela descoberto o valor da solidão?

Nesse dia, durante um passeio, ela conheceu Olímpico, um operário metalúrgico que sonhava em ser deputado, e com quem iniciara um namoro pouco tempo depois. O namoro entre eles também era raso: Olímpico se queixava do silêncio de Macabéa, dizia que ela não tinha nada para falar; e quando falava, apenas repetia as coisas que ouvia na rádio. Certa vez, ao insistir que ela dissesse algo sobre ela, usou o argumento de que “gente, fala de gente”. Macabéa, então, reage com um pedido de desculpas, afirmando que “não se achava muito gente”. Na tentativa de quebrar o silêncio, fazia perguntas infundadas, às quais Olímpico não conseguia responder. Ao passo que, ela também não conseguia compreender seu vocabulário diferenciado, complicado demais para seus padrões de inteligência.

Macabéa era submissa e nula de si. Certo dia, Olímpico a ergueu para o alto em seus braços e, não suportando o peso, deixou-a cair. Ao chão e com o nariz sangrando, sua pressa foi em pedir desculpas a ele. Mas Macabéa tinha um sonho – seria esse um fragmento de vida? Queria ser artista de cinema. Olímpico debochava de seu sonho, dizendo que ela tinha “cor de sujeira” e corpo franzino. Entediado com o namoro, o rapaz acaba conhecendo Glória, colega de trabalho de Macabéa. Glória era loira (falsa), nascida no Rio de Janeiro; não era bonita, mas era bem nutrida e seu corpo dava indícios de que poderia lhe dar filhos fortes e saudáveis. Ela vinha de uma família tradicional, com boas condições. Seu pai era açougueiro, o que deixou Olímpico impressionado. Percebendo que poderia ter maiores vantagens ao lado de Glória, Olímpico não hesitou em terminar o namoro com Macabéa para ficar com sua colega.

Vendo a angústia de Macabéa, como um modo de se redimir, Glória revela que conquistou seu namorado através de uma cartomante, quem certamente poderia resolver o seu problema também. Convencida por Glória, Macabéa foi à tal cartomante. Maravilhada com o tratamento que recebera – pois ninguém nunca havia sido gentil com ela –, sentiu-se à vontade e ouviu atentamente as previsões sobre seu futuro. A cartomante garantiu que ela iria se casar com um estrangeiro rico e teria uma vida muito feliz. Convencida dos presságios da cartomante, a moça sai pelas ruas distraída e contente, refletindo vida e esperança, como nunca havia se permitido antes. Eis que, de repente, ao atravessar a rua, um carro a atropela. Várias pessoas se juntam em torno dela, mas ninguém esboçou ajuda. Assistiam à doce morte de Macabéa, que a abraçou e a levou embora consigo. E esta foi primeira vez que ela experimentou a felicidade.

4.2 História de vida de Macabéa

Macabéa teve de lutar pela sobrevivência desde que nascera e teve uma infância privada não só de brinquedos e comida, mas também de cuidado e carinho, se considerar os castigos

frequentes e repentinos que levada da tia beata, por quem fora criada. Mesmo após a morte da tia, Macabéa arrastava consigo – como se estivesse acorrentada – vários de seus ensinamentos, medos e até problemas de saúde do passado, como se fosse obrigada a vestir-se de uma identidade que a tia lhe criara. Esta dizia que a jovem tinha que ser feliz, então ela ‘pensava’ que o era. Zelava por seu sexo, como se a voz da tia ecoasse que ela não agisse como uma vagabunda. O modo submisso de ser na infância a acompanhara mesmo depois de adulta: era submissa ao chefe, ao namorado, ao médico, à colega e por tudo se culpabilizava. Macabéa não tinha ambição, nem planos. Não se achava gente, tampouco um ser de possibilidades, e escolhia sempre não escolher, não se decidir, não ser. Em *Ser e Tempo*, Heidegger aponta que na impessoalidade, o ente não estabelece relações autênticas consigo, nem com os outros, nem com o mundo, pois esse é um modo de não ser responsabilizado. Como ser-no-mundo, o sujeito se ocupa dos entes, encobrindo e familiarizando-se com eles, através da disposição afetiva. O *Dasein* tem a tendência de ver a si mesmo pela lente da impessoalidade, permanecendo preso na tradição, esta que lhe subtrai o poder de questionar, escolher e dirigir a si mesmo (HEIDEGGER, 2015; ROSSETTI; BERNARDI, 2015; SEIBT, 2010).

Mas Macabéa também tinha momentos de lucidez, em que parecia se dar conta de que podia escolher o que queria ou não herdar de sua criação, como quando abandonou a igreja:

Quando era pequena tivera vontade intensa de criar um bicho. Mas a tia achava que ter um bicho era mais uma boca para comer. Então a menina inventou que só lhe cabia criar pulgas pois não merecia o amor de um cão. Do contato com a tia ficara-lhe a cabeça baixa. Mas a sua beatice não lhe pegara: morta a tia, ela nunca mais fora a uma igreja porque não sentia nada e as divindades lhe eram estranhas (LISPECTOR, 1977, p. 29).

4.3 Descrição de Macabéa e seu modo de existir

Nordestina, datilógrafa e virgem. Essa é uma forma bem resumida de apresentar e descrever a protagonista – antagonista de si mesma – Macabéa e que, por vezes, o seu narrador, Rodrigo S. M., usara para se referir à moça ao longo da história. Mas o que ele faz é mais do que simplesmente apresentar ou contar sobre a vida dela: é a denúncia de uma vida sem sentido; de alguém que se tornara invisível, caindo no total esquecimento e na negligência de si. Seu estereótipo estava fora de qualquer padrão de beleza e, a forma como é apresentado na obra, retrata o olhar coisificador do mundo moderno: “Mas a pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém” (LISPECTOR, 1977, p. 12). Ao descrever a jovem Macabéa como de “aparência assexuada” e “corpo cariado”,

o narrador desvela os traços da subjugação do homem na era moderna. Uma era em que os sentimentos e afetos não são considerados.

Segundo Jesus (2016), a técnica como fim em si criou no homem uma resistência em olhar para si mesmo, e o impediu de apropriar-se da energia vital que habita o corpo e se expressa nas diversas formas de se relacionar. Macabéa exprime um modo de existir obediente, opaco, em que não há manifestação de seu ser, senão de forma passiva e submissa, sem um sinal sequer de posicionamento, autenticidade e vontade própria – ou que fosse apenas vontade. Como se viver fosse apenas mais uma obrigação que a vida lhe impusera.

Dava-se melhor com um irreal cotidiano, vivia em câmara leeeenta, lebre puuuuulando no aaar sobre os ooooouteiros, o vago era o seu mundo terrestre, o vago era o de dentro da natureza. E achava bom ficar triste. (...) Nunca se queixava de nada, sabia que as coisas são assim mesmo e – quem organizou a terra dos homens (...) Só então vestia-se de si mesma, passava o resto do dia representando com obediência o papel de ser. (...) A datilógrafa vivia numa espécie de atordoado nimbo, entre céu e inferno. Nunca pensara em “eu sou eu”. Acho que julgava não ter direito, ela era um acaso. Um feto jogado na lata de lixo embrulhado em um jornal. Há milhares como ela? Sim, e que são apenas um acaso. Pensando bem: quem não é um acaso na vida? (LISPECTOR, 1977, p. 31-33).

Ainda de acordo com Jesus (2016), a inibição da energia vital, bem como o impedimento de direcioná-la a um fazer capaz de elevar suas potencialidades, faz com que o homem viva em estado letárgico em meio ao contexto e à realidade em que se encontra inserido. Macabéa estava conformada em ser o que era; não tinha expectativas, sequer parecia ter consciência sobre a própria existência – ou que esta lhe pertencia. Macabéa vivia na contramão do que Heidegger apresentava como sendo o verdadeiro existir do *Dasein*: enquanto o *Dasein* existe sendo, como um movimento constante de ser-no-mundo, que se questiona e se lança no mundo, a moça nordestina se via paralisada na vida. Macabéa, em seu modo de existir, incomoda. Provavelmente por denunciar que, assim como a dela, tantas outras vidas se arrastam na impessoalidade do cotidiano, como se delas fosse subtraído o direito de existir e, conseqüentemente, a responsabilidade sobre a própria vida. Em *Ser e Tempo*, Heidegger (2015) faz entender que o impessoal é um dos modos de ser, em que o ente não se responsabiliza por seus atos. É aquele que participando não participa; aquele que se isenta de relações autênticas consigo, com os outros e com o mundo e, portanto, é comum não saber de si mesmo: “(...) essa moça não se conhece senão através de ir vivendo à toa. Se tivesse a tolice de se perguntar “quem sou eu?” Cairia estatelada em cheio no chão” (LISPECTOR, 1977, p. 19).

4.4 Macabéa e a impessoalidade do ser-com

Segundo Evangelista (2016), a existência tem seu caráter de ser-com revelado no compartilhamento de mundos, em que cada *Dasein* se reconhece naquilo que faz, e encontra a si mesmo e os outros por meio da ocupação. Macabéa recebera um tipo de ‘identidade social’, haja vista a frequência com que era referida sob o uso de termos, como “nordestina” e “datilógrafa”. Em “seu viver ralo”, desvela a angústia de quem vive no “limbo impessoal” da cotidianidade da vida moderna. Sua vida se resumia à rotina do trabalho – era datilógrafa, e a isso se agarrava como evidência única de sua existência: “E a moça ganhara uma dignidade: era enfim datilógrafa” (LISPECTOR, 1977, p. 19). O sujeito da modernidade tem a tendência de se ver apenas no que faz e no que possui; acaba por se fundir aos seus afazeres e à rotina como sua identidade, perde-se nas atividades do cotidiano e troca o existir por um viver superficial, que se resume ao ter, ao fazer, e ser algo determinável.

Mas Macabéa não é a única em seu modo de existir. “Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiram como não existiriam” (LISPECTOR, 1977, p.19). Rodrigo S. M, o narrador, chega a revelar de forma explícita o modo de ser impessoal da moça: “Depois tudo passou e Macabéa continuou a gostar de não pensar em nada. Vazia, vazia. Como eu disse, ela não tinha anjo da guarda. Mas se arranjava como podia. Quanto ao mais, ela era quase impessoal” (LISPECTOR, 1977, p. 51). Em meio às ocupações e preocupações da cotidianidade, o *Dasein* se perde de si mesmo e fica encoberto pelo modo de existir da impessoalidade. O impessoal em Heidegger revela que, mesmo cada ser humano sendo único, em muito se assemelham uns com os outros e, portanto, compartilham entre si os modos de se relacionar na cotidianidade. (SEIBT, 2010).

4.5 Macabéa e sua percepção de si

A percepção que Macabéa tinha de si mesma era tão vaga quanto sua existência – e o que mais se podia esperar, de alguém que era “incompetente para a vida”? “E quando acordava? Quando acordava não sabia mais quem era. Só depois é que pensava com satisfação: sou datilógrafa e virgem, e gosto de Coca-cola” (LISPECTOR, 1977, p. 32). Macabéa tinha nome, endereço, trabalho, namorado, e ainda assim, vivia de forma anônima. Parecia causar estranhamento em si mesma, não se reconhecendo nem mesmo no próprio nome:

– Eu também acho esquisito mas minha mãe botou ele por promessa a Nossa Senhora da Boa Morte se vingasse, até um ano de idade eu não era chamada não tinha nome, eu preferia continuar a nunca ser chamada em vez de ter um nome que ninguém tem

mas parece que deu certo — parou um instante retomando o fôlego perdido e acrescentou desanimada e com pudor — pois como o senhor vê eu vinguei... pois é... (LISPECTOR, 1977, p. 37).

Para Seibt (2010), o nome social, a cultura e a nacionalidade, fazem com que o indivíduo seja reconhecido na sociedade e tenha sua identidade revelada a partir de sua aproximação com o que se identifica. Saber que vivera sem nome até um ano de idade, como promessa para que “vingasse”, e crescer sem ouvir os nomes dos pais – que perdera aos dois anos de idade –, associados ao modo de (in)existir, parecem ter afetado o sentimento de identidade de Macabéa, que nem ao menos se via como gente:

Ele: – Santa Virgem, Macabéa, vamos mudar de assunto e já!
 Ela: – Falar então de quê?
 Ele: – Por exemplo, de você.
 Ela: – Eu?!
 Ele: – Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente.
 Ela: – Desculpe, mas não acho que sou muito gente.
 Ele: – Mas todo mundo é gente, meu Deus!
 Ela: – É que não me habituei (LISPECTOR, 1977, p. 40).

Macabéa não tinha consciência de si, nem enquanto ente, objetificada, nem enquanto *Dasein*, no sentido de poder-ser, tampouco no que diz respeito à sua finitude – possibilidade mais própria enquanto ser. Em outras palavras, Macabéa não tinha consciência de sua existência, portanto, não pensava na morte. Assumir-se enquanto ser de possibilidades gera desconforto, haja vista a responsabilidade que se tem sobre o poder-ser, e é na impessoalidade do cotidiano, sendo tal como o *a-gente* (a gente trabalha, a gente pega ônibus, a gente morre etc.), que o *Dasein* encontra alívio. E é também na impessoalidade que o sujeito lida com a morte, de modo que o acesso a essa experiência parece ser possível apenas em terceira pessoa, já que não se tem acesso à perda sofrida por quem morreu. A cotidianidade torna o morrer um fenômeno não só impessoal, mas alheio e distante, que apenas leva à constatação de quem o assiste, de que se está vivo – subterfúgio para lidar com a própria morte, na tentativa de adiá-la e evitá-la (EVANGELISTA, 2016).

Talvez a nordestina já tivesse chegado à conclusão de que a vida incomoda bastante, alma que não cabe bem no corpo, mesmo alma rala como a sua. (...) Porque, por pior que fosse sua situação, não queria ser privada de si, ela queria ser ela mesma. Achava que cairia em grave castigo e até risco de morrer se tivesse gosto. Então defendia-se da morte por intermédio de um viver de menos, gastando pouco de sua vida para esta não acabar. Essa economia lhe dava alguma segurança pois, quem cai, do chão não passa. Teria ela a sensação de que vivia para nada? Nem posso saber, mas acho que não. Só uma vez se fez uma trágica pergunta: Quem sou eu? Assustou-se tanto que parou completamente de pensar. Mas eu, que não chego a ser ela, sinto que vivo para nada (LISPECTOR, 1977, p. 30).

Mas, enquanto Dasein (ser-aí) – ainda que não tivesse consciência disso – o “ser” que habitava as profundezas de Macabéa não era uma substância; era um movimento, uma abertura para vir-a-ser e, portanto, também deixar de ser. E assim, surge um ensaio de existência por parte da moça. No enredo, em meio ao sofrimento de ter perdido o namorado para a colega Glória, a jovem experimenta a angústia da existência e, ao decidir procurar uma cartomante, prova pela primeira vez o sabor da esperança – ela que “nunca tinha tido coragem de ter esperança” (LISPECTOR, 1977, p.62). O destino que a cartomante vira em suas cartas trazia um horizonte diferente de tudo o que Macabéa havia vivido. Mas antes mesmo de ter a “sorte” tirada, a jovem já conseguia sentir que dentro dela havia algo que pulsava; havia vida! Uma vida que sempre estivera lá, mas diante da tirania da era da técnica e das opressões que vivera, não conseguia enxergar. O motivo? O carinho e a atenção que recebera de Madama Carlota, o que nunca recebera de ninguém mais. Macabéa começa, então, a sentir em seu interior uma pulsão, um movimento que ascende toda a sua ação e existência:

Macabéa ficou um pouco aturdida sem saber se atravessaria a rua pois sua vida já estava mudada. E mudada por palavras. Até para atravessar a rua ela já era outra pessoa. Uma pessoa grávida de futuro. Sentia em si uma esperança tão violenta como jamais sentira tamanho desespero. Se ela não era mais ela mesma, isso significava uma perda que valia por um ganho. Assim como havia sentença de morte, a cartomante lhe decretara sentença de vida (LISPECTOR, 1977, p.63).

Ao final de sua trajetória, feliz e esperançosa por ter um futuro, a jovem Macabéa é fatalmente atropelada. A finitude da vida é iminente, mas ela não tinha consciência disso e decidiu lançar-se enquanto ser de possibilidades já nos últimos momentos de vida. Macabéa, então, como um milagre de última hora, consegue finalmente perceber a si mesma, sentir em si o mais originário de seu próprio ser: “Agarrava-se a um fiapo de consciência e repetia mentalmente sem cessar: eu sou, eu sou. Quem era, é que não sabia. Fora buscar no próprio profundo e negro âmago de si mesma o sopro de vida que Deus nos dá” (LISPECTOR, 1977, p.67).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo foi possível verificar, através da personagem Macabéa, que a história de vida e a cotidianidade interferem na existência do sujeito e sua percepção sobre as próprias possibilidades enquanto ser-no-mundo, confirmando, assim, a hipótese inicial. A história de vida de Macabéa, revela que o contexto social em que vivera influenciou seu modo de ser, nulo

e invisível na impessoalidade, bem como na dependência da autorização do outro. Verifica-se ainda, um modo de ser comum a vários indivíduos da vida real cotidiana.

Mas Macabéa também mostra que, viver na impessoalidade, é apenas um entre tantos modos de ser do *Dasein* e que, na sua condição de poder-ser, como um movimento constante, ele pode também deixar de ser. E, embora constituintes da cotidianidade, os demais entes também favorecem esse despertar para uma vida de possibilidades, através das relações do ser-com, como seu namorado, sua colega de trabalho e a cartomante. Isso só se fez possível por meio da angústia que sentira com o fim do namoro, ao ter sido trocada pela colega. Do mesmo modo, a superação e abertura da moça para as possibilidades do mundo foi concluída a partir do destino revelado pela cartomante. Conclui-se, então, que ainda que o *Dasein* se aproprie de sua vida e esteja voltado à autenticidade, como ser-no-mundo que é, está irremediavelmente na condição de ser-com-o-outro. Não é, portanto, a impessoalidade da vida moderna que determina o modo existir do sujeito; mas sua abertura ao vir-a-ser diante das situações e interações que estabelece com os demais entes (coisas e outros *Dasein*) no mundo.

Este estudo se limitou a abordar o tema da impessoalidade, a partir da obra *A Hora da Estrela* (1977) e de literatura baseada na fenomenologia de Martin Heidegger, e não elimina tantas outras abordagens que possam utilizar-se da riqueza da obra em questão. Clarice Lispector convida ao leitor a refletir sobre sua própria vida e existência, tendo a finitude como possibilidade mais própria. Sugere-se que trabalhos futuros deem continuidade a esta investigação, com novas perspectivas e temáticas que, devido à limitação de espaço, não foram apontadas neste estudo.

Espera-se que esta pesquisa mostre a necessidade de se revisitar discussões sobre saúde psicológica que se atém ao uso das lentes míopes dos conceitos e técnicas mecanicistas, que reduzem o sujeito à sua condição biológica ou relação corpo/mente. E conscientize sobre a necessidade de considerar o sujeito no seu modo próprio de ser, sua história de vida, contexto, cultura, cotidiano etc., e perceber que o problema da saúde não se limita às questões biológicas. Enfim, espera-se seja notada e necessidade de se ampliar o universo de estudos à utilização de diferentes recursos e objetos de estudo, como a literatura, dando novas contribuições ao campo da psicologia e da fenomenologia. E que possa servir de fonte de estudos de leitores interessados na fenomenologia de Heidegger e sua influência sobre pensamento e práticas psicológicas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rafael Ribeiro. O mais originário do *Dasein*: o lidar prático no mundo. **Revista Investigação Filosófica**, Macapá, v. 10, n. 1, p. 87-100, 2019.

DOI: <http://dx.doi.org/10.18468/if.2019v10n1.p87-100>. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/investigacaofilosofica/article/view/4992/pdf>. Acesso em 24 de maio de 2020.

ALMEIDA, Rafael Ribeiro; TOLFO, Rogério. O conceito de inautenticidade no pensamento heideggeriano de Ser e Tempo. **Revista Philia Filosofia, Literatura e & Arte**, Rio Grande do Sul, v. 1, n. 2, 2019. DOI: <https://doi.org/10.22456/2596-0911.93083>. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/philia/article/view/93083/54285>. Acesso em 24 de maio 2020.

ALVARES, Mariana Marcelino Silva. Sobre a angústia em Heidegger: da perspectiva existencial à ontológica. **PÓLEMOS – Revista de Estudantes de Filosofia da Universidade de Brasília**, v. 8, n. 15, p. 60 - 75, 31 jul. 2019. DOI: <https://doi.org/10.26512/pól.v8i15.23771>. Disponível em <https://periodicos.unb.br/index.php/polemos/article/view/23771>. Acesso em 24 de maio de 2020.

BASTOS, Carmen Célia B C. **Pesquisa qualitativa de base fenomenológica e a análise da estrutura do fenômeno situado: Algumas contribuições**. 2017. Disponível em <https://editora.sepq.org.br/index.php/rpq/article/view/156>. Acesso em 10/12/2019.

BRAGA, Tatiana Benevides Magalhães; FARINHA, Marciana Gonçalves. Heidegger: em busca de sentido para a existência humana. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 23, n. 1, p. 65-73, abr. 2017. DOI: 10.18065/RAG.2017v23n1.7. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672017000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 24 de maio de 2020.

BRITO, Thaynara Ramany Barreto; ARAÚJO, Thalles Azevedo de. A angústia, a morte e o poder-ser próprio do Dasein na ontologia fundamental de Martin Heidegger. In: **III Colóquio Internacional Estética e Existência** - João Pessoa, Paraíba. Brasil, 2018. Disponível em: <https://www.doity.com.br/anais/esteticaeexistencia/trabalho/75526>. Acesso em: 01 de jun. de 2020.

BRUM, Anna Carolina Correa; BOECHAT, Ieda Tinoco. O ser-para-a-morte e a postergação do existir. **Interdisciplinary Scientific Journal**, v.3, n.5, p. 15-27, Out-Dez, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.17115/2358-8411/v3n5a2>. Disponível em: <http://revista.srvroot.com/linkscienceplace/index.php/linkscienceplace/article/view/453>. Acesso em 31 maio 2020.

CARDINALLI, Ida Elizabeth. Heidegger: o estudo dos fenômenos humanos baseados na existência humana como ser-aí (Dasein). **Psicol. USP**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 249-258, Ago. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-656420135013>. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642015000200249&lng=en&nrm=iso. Acesso em 24 de maio de 2020.

DUARTE, Irene Borges. O afecto na análise existencial heideggeriana. **Revista Cultura** [Online], vol. 35, p. 135-150 2016. DOI: 10.4000/cultura.2603. Disponível em: <http://journals.openedition.org/cultura/2603>. Acesso em 24 maio 2020.

ERICKSEN, L. Subjetividade e “Autenticidade” em kierkegaard e a sua influência na ontologia de Heidegger. **Kalagatos**, v. 14, n. 1, p. 49-66, 25 maio 2017. DOI:

<https://doi.org/10.23845/kgt.v14i1.5>. Disponível em:
<http://kalagatos.com.br/index.php/kalagatos/article/view/5>. Acesso em 24 de maio de 2020.

EVANGELISTA, Paulo Eduardo Rodrigues Alves. **Psicologia fenomenológica existencial: a prática psicológica à luz de Heidegger**. 22. Ed. Curitiba: Juruá Editora, 2016.

FEIJOO, Ana Maria Lopes Calvo. O homem em crise e a psicoterapia fenomenológico-existencial. **Revista Fenomenologia e Psicologia**, v. 1, n. 1, p. 95-113, 2013. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/fenomenolpsicol/issue/view/107>. Acesso em: 26 de out. de 2020.

FERNANDES, Marcos Aurélio. Da temporalidade da existência e do instante: uma investigação ontológico-existencial segundo o pensamento de Heidegger. **Nat. hum.**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 32-57, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302015000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 31 maio 2020.

FERREIRA, Cacio José; JÚNIOR, Norival Bottos. Leituras fenomenológicas da hermenêutica heideggeriana em “A Hora da Estrela”, de Clarice Lispector. **Revista Interdisciplinar em Estudos de Linguagem**. São Paulo, v. 1 n. 1 jul. 2019. DOI <https://doi.org/10.29327/2.1373.1-8>. Disponível em: <https://ojs.ifsp.edu.br/index.php/riel/article/view/1141>. Acesso em 24 maio 2020.

FILHO, José Reinaldo F. Martins. Morte e finitude na filosofia de Martin Heidegger: uma intuição de sein und zeit ao pensamento da história do ser. **Griot: Revista de Filosofia**, v. 13, n. 1, p. 238-256, 18 jun. 2016. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/687>. Acesso em 31 maio 2020.

GAI, Eunice Terezinha Piazza; BATISTA, Bianca Cardoso. Mais que uma escritora, uma sentidora: Clarice Lispector e a expressão do estado de angústia em A hora da estrela. **Rev. Rizoma**, Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 2, p. 156, dezembro, 2018. Doi: 10.17058/rzm.v6i2.12590 Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/12590>. Acesso em: 24 de maio de 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo; Atlas, 2008

GUIMARÃES, Olinta de Oliveira; DIAS, Cátia de Castro. A angústia de (ser) e sua interface com a existência e a morte. **Psicologia e Saúde em debate**, v. 2, n. 2, p. 42-57, 1 jan. 2017. DOI: <https://doi.org/10.22289/2446-922X.V2N2A3>. Disponível em: <http://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/35>. Acesso em 24 de maio de 2020.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 10. ed. Tradução de Marcia Sá C. Schuback. Petrópolis: Vozes, 2015.

JESUS, João Elton. A vida originária: diálogo entre A Hora da Estrela de Clarice Lispector e a Fenomenologia da Vida de Michel Henry. Ver. **Em curso - Revista da Graduação em Filosofia da UFSCar**, São Carlos, v. 3, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.4322/2359-5841.20160304>. Disponível em:

<http://www.emcurso.ufscar.br/index.php/emcurso/article/view/88>. Acesso em: 24 de maio de 2020.

JUNIOR, Cezar Augusto Vieira; ARDANS-BONIFACINO, Hector Omar; ROSO, Adriane. A construção do sujeito na perspectiva de Jean-Paul Sartre. **Rev. Subj.**, Fortaleza, v. 16, n. 1, p. 119-130, abr. 2016. <http://dx.doi.org/10.5020/23590777.16.1.119-130>. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692016000100010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 maio 2020.

JÚNIOR, Glênio Carneiro Maciel; COSTA, Marcelo Henrique da. O modo de ser-no-mundo virtual: o Dasein e o facebook. **Polêmica**, [S.l.], v. 16, n. 1, p. 095-121, fev. 2016. ISSN 1676-0727. doi:<https://doi.org/10.12957/polemica.2016.21338>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/21338/15428>. Acesso em 25 maio 2020.

KIRCHNER, Renato. A analítica existencial heideggeriana: um modo original de compreender o ser humano. **Rev. NUFEN**, Belém, v. 8, n. 2, p. 112-128, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912016000200009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 maio 2020.

KREIBICH, Susiane. O homem é formador de mundo: mundo como conceito metafísico segundo Martin Heidegger. **Rev. Intuição**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 94-106, jul. 2017. <http://dx.doi.org/10.15448/1983-4012.2017.1.27219>. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/view/27219/15791>. Acesso em: 25 maio 2020.

LISBOA, Camila Pereira. Introdução ao existencialismo: perspectivas literárias. **Rev. Problemata: R. Intern. Fil.**, João Pessoa, v. 7, n. 2, 2016, p. 254-267. DOI: <https://doi.org/10.7443/problemata.v7i2.28570>. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/problemata/article/view/28570>. Acesso em: 24 de maio de 2020.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988. (Obra original publicada em 1977).

LISPECTOR, Clarice. Entrevista. In: **Programa Panorama Especial**, em 1977. Concedida a Júnio Lerner. Reexibida pelo programa Trinta anos incríveis. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ohHP112EVnU>. Acesso em: 20 maio 2020.

MARTINS, J.; BICUDO, M.A.V. **A pesquisa qualitativa em psicologia**. Fundamentos e recursos básicos. 1. Ed São Paulo: Editora Moraes, 1989.

MASSAROLLO, Leosir Santin. O estar-lançado, a angústia e o mundo no pensamento de Martin Heidegger: uma relação originária. **Rev. Controvérsia**, São Leopoldo, v. 15, n. 1, 2019. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/controversia/article/view/18076>. Acesso em: 25 maio 2020.

ROEHE, Marcelo Vial; DUTRA, Elza. Dasein, o entendimento de Heidegger sobre o modo de ser humano. **Av. Psicol. Latinoam.**, Bogotá, v. 32, n. 1, p. 105-113, Abr. 2014. DOI: dx.doi.org/10.12804/apl32.1.2014.07. Disponível em:

http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794-47242014000100008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 24 de maio de 2020.

ROSSETTI, Regina; BERNARDI, Sueli Fernandes Ferreira. Macabéa, de Clarice Lispector: impessoalidade em Heidegger ou alteridade em Lévinas. **Revista Páginas de Filosofia**, v. 7, n. 1, p.43-57, jan./jun. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.15603/2175-7747/pf.v7n1p43-57>. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/PF/article/view/5722>. Acesso em 24 de maio de 2020.

SANTOS, Eberth. Heidegger e a modernidade: Sobre a ideia heideggeriana de “consumação da metafísica”. **Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea**, Brasília, v. 6, n. 1, p. 323-341, dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.26512/rfmc.v6i1.20414>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/fmc/article/view/20414>. Acesso em: 25 maio 2020.

SANTOS, Ívena Pérola do Amaral. A obra literária como expressão existencial das concepções ontológicas do ser do homem. **Rev. Abordagem Gestalt.**, Goiânia, v.13, n. 2, p. 241-246, dez. 2007. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672007000200008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 24 de maio de 2020.

SEIBT, Cezar Luís. Considerações sobre a fenomenologia hermenêutica de Heidegger. **Rev. NUFEN**, Belém, v. 10, n. 1, p. 126-145, 2018. [http://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol10\(1\).n04ensaio29](http://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol10(1).n04ensaio29). Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912018000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 24 maio 2020.

SEIBT, Cezar Luís. Temporalidade e propriedade em Ser e Tempo de Heidegger. **Revista de Filosofia Aurora**, [S.l.], v. 22, n. 30, p. 247-266, maio 2010. ISSN 1980-5934. <http://dx.doi.org/10.7213/rfa.v22i30.2254>. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/aurora/article/view/2254/2170>. Acesso em: 31 maio 2020.

SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualitas Revista Eletrônica** 17 ISSN 1677-4280, Vol.17. No 1, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.18391/qualitas.v16i1.2113>. Disponível em: <http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/view/2113>. Acesso em: 26 maio 2020.

SILVA, Rafael Lucas Santos da. Entre a finitude e a autenticidade: o ser-para-a-morte como indicativo de uma existência autêntica em “A morte de Ivan Ilitch”, de Liev Tolstói. **SCRIPTORIUM**, Rio Grande do Sul, V. 5, N. 2 Jul.-Dez. 2019. <http://dx.doi.org/10.15448/2526-8848.2019.2.33203>. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/scriptorium/article/view/33203/18750> Acesso em: 26 maio 2020.

SIMAN, Adriana; RAUCH, Carina Siemieniaco. **A finitude humana**: Morte e existência sob um olhar fenomenológico-existencial. *Fac. Sant’Ana em Revista*, Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p. 106-122, 2. Sem. 2017. Disponível em: <https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/fsr/article/view/111>. Acesso em: 24 de maio de 2020.

SIMÃO, Clarice Braga; PEREIRA, Fábio Nogueira. Uma reflexão existencial humanista sobre a relação de pacientes terminais com a morte iminente. **Revista Científica Faesa**, Vitória, ES, v. 12, n. 1, p. 69-74, 2016. Disponível em: <https://www.faesa.br/revistas/revistas/2016/artigo10.pdf>. . DOI: 10.5008/1809.7367.104. Acesso em: 31 maio 2020

SOUZA, Natan Luiz Neri de. A crítica da proposição como lugar da verdade em Ser e Tempo de Martin Heidegger. **Anais Seminário de Iniciação Científica**, Bahia, n. 21, 2017. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/semic/article/view/2540/0>. DOI: <http://dx.doi.org/10.13102/semic.v0i21.2540>. Acesso em: 24 de maio de 2020.

TOKUO, Bianca Galván; DUTRA, Elza Maria do Socorro; REBOUÇAS, Melina Séfora Souza. Modos de Ser na Era Virtual: Um olhar da Psicologia Fenomenológico-Existencial. **PSI UNISC**, Santa Cruz do Sul, v. 3, n. 1, jan./jun. 2019, p. 71-88. DOI: 10.17058/psiunisc.v3i1.12453. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/psi/article/view/12453/7853>. Acesso em: 25 maio 2020.